

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E A LEI 10.639/03 - AVALIAÇÃO DE UM LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Maria Bomfim dos Santos

E-mail: anabomfim23@gmail.com

Universidade Federal da Bahia - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação
em Estudos Étnicos e Africanos/Pós-Afro

Leomar Borges dos Santos

E-mail: borges-leo@hotmail.com

Universidade Federal da Bahia - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação
em Estudos Étnicos e Africanos/Pós-Afro

Resumo: O presente artigo traz uma abordagem crítico-analítica sobre o livro didático “Vontade de Saber”, licenciado pelo MEC para o Ensino Fundamental II - anos finais, 6º ano, do componente curricular Geografia, criado para ser ministrado nos períodos de 2017, 2018 e 2019 pela editora FTD, 2ª edição, São Paulo, 2015. Nesse corpus, busca-se observar se os conteúdos mobilizados reiteram o compromisso com a lei 10.639/2003, evidenciando o incentivo aos estudos das relações étnico-raciais, a desmitificação de estereótipos e de práticas discriminatórias socioculturais em prol de uma educação antirracista que promova uma juventude consciente da diversidade multicultural e pluriétnica do Brasil e da importância do respeito às diferenças. Entretanto, constatou-se que o livro está em dissonância com a lei, pois há a presença de imagens estigmatizantes de pessoas negras, ausência de referências culturais das matrizes afro-brasileiras e africanas, invisibilização da história de África e da população africana na construção e formação da identidade do povo brasileiro. Por conta disso, configura-se um livro excludente, negacionista, e, mais que isso, reproduzidor de ideologias racistas e sexistas epistêmicas que subjazem numa educação antinegitude.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; livro didático; geografia; racismo epistêmico; educação étnico-racial.

Abstract: This article brings a critical-analytical approach to the textbook "Will to Know", licensed by MEC for Elementary School - final years, 6th year, of the Geography curricular component, created to be taught in the periods of 2017, 2018 and 2019 by FTD publishing house, 2nd edition, São Paulo, 2015. In this corpus, we seek to observe whether the mobilized contents reiterate the commitment to Law 10.639/2003, highlighting the incentive to studies of ethnic-racial relations, the demystification of stereotypes and sociocultural discriminatory practices in favor of an anti-racist education that promotes youth aware of the multicultural and pluriethnic diversity of Brazil and the importance of respecting differences. However, it was found that the book is in dissonance with the law, because of the presence of stigmatizing images of black people, the absence of cultural references from Afro-Brazilian and African matrices, as well as the invisibilization of the history of Africa and the African population in

the construction and formation of the identity of the Brazilian people. Because of this, it configures as an excluding, denialist book, and, more than that, a reproducer of racist and sexist epistemic ideologies that underlie an anti-blackness education.

Keywords: Law 10.639/03; textbook; geography; epistemic racism; ethnic-racial education.

INTRODUÇÃO

O livro de Geografia “Vontade de Saber” foi produzido pela autora Neiva Camargo Torrezani, bacharel em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), especialista em Análise e Educação Ambiental em Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR), tendo atuado como professora de Geografia em escolas da rede particular de ensino. Do ponto de vista estrutural, o livro apresenta um modelo padrão clássico, sendo dividido em 8 capítulos pertinentes a essa área de conhecimento, quais sejam: Cap. 1 - Estudando a Geografia; Cap. 2 - A cartografia e a representação do espaço geográfico; Cap. 3 - Conhecendo o planeta Terra; Cap. 4 - O relevo, as águas e as paisagens; Cap. 5 - O clima, a vegetação e as paisagens; Cap. 6 - A natureza e a sociedade nas paisagens; Cap. 7 - A sociedade, as atividades econômicas e o espaço geográfico; e Cap. 8 - A natureza, as atividades econômicas e os problemas ambientais. Não obstante, o material apresentado visa a cumprir as exigências do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

É sabido que Geografia é “uma disciplina fundamental na formação da cidadania do povo brasileiro, que apresenta uma heterogeneidade singular na sua composição étnica, socioeconômica e na distribuição espacial” (ANJOS, 2011, p. 262). Portanto, área do conhecimento que continua sendo um dos instrumentos educacionais de repensar o espaço geográfico diante da necessidade de conhecimento e reconhecimento da importância dos territórios para a vida presente e futura do ser humano, principalmente do afrodescendente, a partir da sua relação ancestral com o espaço constituído por ele e pelos que vieram antes dele. Nessa perspectiva, vale ressaltar que um dos objetivos que norteiam o ensino de Geografia na Educação Fundamental nos anos finais no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais é:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p. 7).

O LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Do ponto de vista didático-pedagógico, o livro didático é uma ferramenta norteadora do trabalho educacional, sendo utilizado em sala de aula nas escolas brasileiras. Por outro lado, conforme Silva (1996, p. 11):

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor o apresenta com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende (SILVA, 1996, p. 11).

Nessa concepção referendada acima, o livro deixa de ser um recurso auxiliar no trabalho educativo e “passa a ser visto e usado como um fim em si mesmo” (SILVA, 1996, p. 12). Isso introduz a ideia de que a prática educativa mediante a precariedade do sistema educacional brasileiro, principalmente em escolas públicas, transformou o livro didático num instrumento central no processo de ensino-aprendizagem, porém, muitas vezes, isto “acaba determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina” (LAJOLO, 1996, p. 4). Em contrapartida, é fundamental “superar a dependência desse instrumento para o alcance de um currículo mais afinado com as identidades das/dos educandos/as/es” (SANTANA, 2012, p. 31).

Com base em Rego (2018, p. 40), podemos afirmar que o livro analisado está baseado numa concepção de educação tradicionalista e tecnicista, pois o foco é a reprodução do conhecimento centrada no ensino dos conteúdos, já que se trata de uma abordagem didático pedagógica defasada em que se predominam exercícios de memorização e de repetição, gerando um aprendizado superficial e dissociado da realidade social, o que não permite ao educando/a/e ampliar sua visão de mundo. Nesse aspecto, segundo Freire (1996, p. 25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Dessa forma, é sabido que o engessamento dos estudos aplicados, a ênfase da acumulação de conhecimento e a aprendizagem retrógrada em que o estudante decora os ensinamentos realizados, desconsidera os saberes e as vivências de cada estudante.

Sendo assim, a proposta tradicional do livro de Geografia “Vontade de Saber” “se traduziu num estudo descritivo e acrítico das paisagens naturais e dos espaços sociais, trazendo um entendimento limitado do conceito de espaço geográfico, sem compreender as transformações dos lugares que o mundo atravessa em sua diversidade e suas relações com o

cotidiano do alunado. Embora a capa (1 Figura) retrate uma pessoa negra, de gênero feminino, subtende-se que todo sujeito busca conhecer novos mundos, sentir a natureza e se relacionar com diferentes espaços e territórios. Entretanto, na íntegra, verifica-se um estudo de uma geografia neutra, desconexa de sentido e da construção dinâmica do espaço.



1 Figura – Capa do livro “Vontade de Saber”

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E A LEI 10.639/2003

De acordo com o governo federal, a promulgação da Lei 10639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira e africana nos sistemas de ensino público e privado. Tal legislação foi intensificada através do parecer CNE/CP 3/2004 e a Resolução 01 de 17 de junho de 2004, em que o Conselho Nacional de Educação instituiu diretrizes e princípios fundamentais para desenvolver a educação das relações étnico-raciais nas escolas de Educação Básica. O Artigo 2º inciso II dessa Resolução, determina que:

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (BRASIL, 2004, p. 31).

O livro didático de Geografia "Vontade de Saber" está na contramão da Lei 10.639/03, a qual visa combater a educação etnocêntrica, a desigualdade e o preconceito racial, tendo em vista a diversidade étnico-racial brasileira. Evidenciou-se que esse livro se baseia numa ideologia universalizante, eurocentrada e hegemônica, menosprezando a história afrodiáspórica da identidade e da negritude. Há, portanto, a invisibilização das culturas de matrizes africanas e afro-brasileiras. Além do mais, a ocultação da historicidade das contribuições da população negra na construção e na formação da identidade do povo brasileiro, desencadeou a ausência das discussões raciais e em uma política de aniquilamento das tradições afro-indígenas. Desse modo, o livro configura-se como um epistemicídio, uma violência, isto é, uma verdadeira pilhagem epistêmica. Sob esta ótica de análise, o processo de pilhagem epistêmica se constitui como

um dos principais vetores de "produção oficial do conhecimento" beneficiando sempre os projetos e grupos econômicos, artísticos, raciais socialmente privilegiados, calcado na apropriação indevida de saberes indígenas, africanos e negro-brasileiros para o desenvolvimento de diversos campos, ao mesmo tempo em que há o apagamento do protagonismo dessas minorias, a ausência de qualquer retorno em benefício para suas fontes, bem como o extermínio simbólico e literal desses corpos colocados à margem da sociedade brasileira (MATOS; SOUZA apud FREITAS, 2022, p. 306).

Sendo assim, evidencia-se uma política educacional de exclusão, de negação e, mais do que isso, de invisibilização das problemáticas referentes às questões étnico-raciais, postas a margem pela colonialidade do saber, reproduzindo, inclusive, a pilhagem e o racismo epistêmico. Assim, o livro "Vontade de Saber" é o reflexo da naturalização das estruturas ideológicas epistêmicas do racismo, interseccionadas com outras formas de opressão.

De modo geral, o livro em questão sustenta um pensamento brancocêntrico e hegemônico que valoriza a cultura ocidental europeia em detrimento de outras. Em toda a sua extensão – tanto na versão de 2015 quanto na de 2018 -, esperávamos uma reparação e promoção da igualdade racial, porém nos deparamos majoritariamente com referências territoriais da Europa e dos Estados Unidos (Figuras 2, 3 e 4), nações consideradas de Primeiro Mundo, ancoradas pela lógica capitalista neocolonial. Opera um silenciamento sobre como esses países colonizadores se apropriaram de riquezas e de bens de outros continentes como o africano. Atrélado a isso, o silêncio sobre a diáspora africana, os trânsitos culturais e os

deslocamentos entre África-Brasil. Há, portanto, rejeição às narrativas não-ocidentais, às cosmologias africanas, aos conhecimentos ancestrais e às memórias e representações positivas da corporeidade negra-africana. O conhecimento historicizado no livro limita-se ao estudo da história da Europa, no aspecto geopolítico e socioeconômico, sem dar ênfase à filosofia de outros povos como os africanos, que formaram e ainda formam a constituição linguística-identitária e étnico-racial do Brasil, com sua cultura, religiosidade e conhecimentos científicos em diversas áreas do saber. De acordo com Santana (2012, p. 29), “não é para suprimir o ensino da história da Europa do currículo das escolas, mas construir um currículo equitativo quanto às abordagens historiográficas mais pertinentes às nossas identidades”. Complementar a essa percepção, “não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2004, p.17). Entretanto, é comum, nesse livro didático de Geografia, ver muito mais a representação de imagens do cenário europeu, como pode ser verificado nas figuras abaixo:



Na fotografia acima, podemos observar pessoas com roupas apropriadas para enfrentar as baixas temperaturas registradas em Sófia, Bulgária, 2018.

2 Figura



Acima, um conjunto de casas de telhados inclinados em Valais, Suíça, 2018.

3 Figura



Na fotografia, vemos uma lavoura de trigo em Faversham, Inglaterra, 2018.

4 Figura

O livro expõe uma visão ideológica supremacista e racista, apresentando uma relação hierarquizante, de superioridade econômica de pessoas brancas sobre a condição de inferioridade dos negros, sem mencionar os fatores sócio-históricos e econômicos que

interferiram nesse processo. Geralmente, apresenta-se imagens estereotipadas de pessoas negras vistas como trabalhadores braçais, desenvolvendo profissões de pouco prestígio social, enquanto paralelamente, vê-se imagens de pessoas brancas livres, que tem o poder de desfrutar do lazer (5 Figura) ou ocupar posições sociais valorizadas como engenheiros e médicos (6 Figura). Verifica-se, então, formas de representação da subalternização e da subserviência da população negra. Apesar desta ser pouco representada ao longo do livro, sempre é colocada na posição de subalterna ou de modo caricatural. Dessa forma, não há preocupação em desenvolver promoção positiva da imagem de afrodescendentes e indígenas, nem de gênero, excluindo as mulheres da dinâmica social.



5 Figura



6 Figura

No livro, aborda-se minimamente sobre África e de forma depreciativa – o continente africano como espaço desértico, árido e sem produção econômica (7 Figura). A respeito disso, reproduziu-se uma ideia deturpada e errônea sobre o território africano, de forma intencional. Na medida em que a historicidade de África é negada, toda a história do povo e do processo afrodiáspórico tende a ser ignorada pela historiografia oficial, distorcida ou apagada pelo sistema. Entretanto, é fundamental descolonizar as mentes, destereotipar conceitos e humanizar corpos negros para desconstruir as inverdades sobre o povo africano. Sendo assim, Anjos (2011, p .262) ressalta que:

território africano é um componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel da população de ascendência africana na sociedade brasileira. Por isso, o Brasil continental, plurirracial, multicultural e com uma historicidade em processo de reconstrução e uma diversidade étnica com conflitos, tem ainda, o desafio de assumir decisivamente a nação multiétnica resultante destes séculos de “convivência” com a África (ANJOS, 2011, p. 262).



7 Figura

Percebe-se que não há discussão sobre os fatores que interferiram na situação socioeconômica quanto à distribuição da população negra na formação do território brasileiro, pois os dados informacionais fornecidos pelo censo demográfico PNAD/IBGE apresentam questões pontuais, sem sequer elucidar como se deu esse processo. As estatísticas computadas tendem a demarcar as diferenças sociais, econômicas e regionais entre brancos e negros na sociedade brasileira, imputando as disparidades sociais e a desigualdade racial: somos 56% da população brasileira; 100 milhões de pessoas não tem acesso ao saneamento básico; A renda dos brancos é 75% maior que a dos negros; estamos entre o maior número de encarcerados e encarceradas; constituímos a maior parte das pessoas desempregadas, do mercado informal e de desalentados e desalentadas. Os dados populacionais representados são oriundos da região Sudeste e Sul, enquanto Nordeste ou Norte sofrem apagamento de suas realidades, menosprezando sua importância na constituição do Estado brasileiro e do racismo institucional sofrido pela população negra neste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que esta versão do livro “Vontade de Saber” não dialoga com as diretrizes e princípios que implementam a Lei 10. 639/2003, sendo, portanto, um retrocesso para a educação brasileira e o ensino-aprendizagem de educandos/as/es. O título do livro é bastante instigante, porém, os/as/es estudantes, após sua leitura, continuam com vontade de saber, de aprender e de compreender o conteúdo e sua aplicabilidade na vida dos sujeitos sociais. Sendo assim, é fundamental que ele seja reavaliado, principalmente na composição das referências bibliográficas, edição 2018 (Figuras 8 e 9), pois a maioria das referências são do Sudeste e do Sul - com algumas do Centro-Oeste – a fim de implementar a diversidade de saberes e de

conhecimentos de diferentes culturas, nomeadamente, dos povos africanos e indígenas, a partir de uma perspectiva educacional interdisciplinar e heterogênea. É necessário também descolonizar as mentes do alunado, desmistificando o conhecimento sobre o continente africano, levando os educandos, as educandas e educandes a entender a riqueza e a diversidade étnica cultural, os diferentes países, seus contextos histórico-sociais e suas particularidades como línguas, modos de vida e religiosidades, com o intuito de ampliar experiências e conhecimentos. É fundamental buscar combater estereótipos e o preconceito racial, em prol de uma educação das relações étnico-raciais, visando a diversidade multicultural e multiétnica do Brasil.

Bibliografia

- ALVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Avaliar para conhecer**: examinar para excluir. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ARAÚJO, Ulisses F.; AQUINO, Julio Groppa. **Os direitos humanos na sala de aula**: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2001. (Educação em pauta: temas transversais).
- ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos humanos**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- BARBOSA, Alexandre F. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**: TIC Domicílios e TIC Empresas 2009/Cetic. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010. Disponível em: <www.cgi.br/publicacao/habilidade-e-inclusao-digital-o-papel-das-escolas>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- BASSIT, Ana Zahira (Org.). **O interdisciplinar**: olhares contemporâneos. São Paulo: Factash Editora, 2010.
- BONESI, Patrícia Góis; SOUZA, Nádia Aparecida. Fatores que dificultam a transformação da avaliação na escola. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 17, n. 34, maio/ago. 2006.
- BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **DOU**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. p. 13563. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: geografia. Brasília, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 10 mar. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 117-130, jan./abr. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- CAMPOS, Márcia de Borba; GIRAFFA, Lúcia Maria Martins. Do pó de giz ao byte: uma reflexão acerca do uso de tecnologias na sala de aula. In: UMBRASIL (União Marista do Brasil). **Caderno Marista de Tecnologia Educacional**. Brasília, 2011. v. 1.
- CAMPOS, Raquel Sanzovo Pires de; MONTOITO, Rafael. O texto alternativo ao livro didático como proposta interdisciplinar do ensino de ciências e matemática. In: PIROLA, Nelson Antonio (Org.). **Ensino de ciências e matemática**. São Paulo: Unesp: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-174. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bpkng/pdf/pirola-9788579830815-09.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CASTELLAR, Sonia (Org.). **Educação geográfica**: teorias e práticas docentes. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: _____ **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 2003. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).
- CHRISTOPHERSON, Robert W. **Geossistemas**: uma introdução à geografia física. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- COLL, César; MAURI, Teresa; ONRUBIA, Javier. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- COOPER, Brian. **Como pesquisar na internet**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2005.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. 24. ed. São Paulo: Ática, 2012.

8 Figura

- FABRIS, Eli Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação e Realidade**, n. 33, v. 1, p. 117-133, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/6690/4003>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2009. (Repensando o ensino).
- FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. **Ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica: desafios e possibilidades**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/culturaafro/culturaafrobrasileira-1450133>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- FRACALANZA, Hilário; MEGID NETO, Jorge (Org.). **O livro didático de ciências no Brasil**. Campinas: Komed, 2006.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- JUNQUEIRA, Sonia. **Pesquisa escolar: passo a passo**. 15. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2014. (Dicas e informações).
- KATUTA, Ângela Massumi. A linguagem cartográfica no ensino superior e básico. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARTINS, Ana Rita. Busca certa: como selecionar sites confiáveis. **Nova Escola**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2563/busca-certa-como-selecionar-sites-confiaveis>>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- MARTINS, Carla Floriana; GOULART, Ione Ferrarini. Ação docente no uso de tecnologias. In: UMBRASIL (União Marista do Brasil). **Caderno Marista de Tecnologia Educacional**. Brasília, 2011. v. 1.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MORENO, Montserrat et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. Tradução: Maria Cristina de Oliveira. São Paulo: Moderna, 1999. (Educação em pauta: temas transversais).
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- NASCIMENTO, Viviane Briccia do. A natureza do conhecimento científico e o ensino de ciências. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- OLIVEIRA, Cêurio. **Curso de cartografia moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização cartográfica. In: _____. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PEREIRA, Kátia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007. (Como usar na sala de aula).
- PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá et al. **Matrizes curriculares de referência para o Saeb**. 2. ed. Brasília: Inep, 1999.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004. (Milton Santos).
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II: caderno de orientação didática de história**. São Paulo, 2006.
- SCHÄFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Brasília: SPM, 2009.
- SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. **Ler e escrever: compromisso em todas as áreas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- STEINKE, Ércilia Torres. **Climatologia fácil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- VALENTE, José Armando. Uso da internet em sala de aula. **Educar**, Curitiba, n. 19, p. 131-146, 2002. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/download/2086/1738>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

9 Figura

REFERÊNCIAS

- ANJOS, R. S. Cartografia da Diáspora África – Brasil. *Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia*. Brasília, n.1, p. 261 - 274, out. 2011. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6570/3570>>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Distrito Federal, 2004, 35p. Disponível em: <<https://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC, 1998, 156 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 76 p. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- FREITAS, H. Pilhagem Epistêmica. In: MATOS, D. C.; SOUSA, C. M.C. (org.). *Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 305-312.
- LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n° 69, p. 3-9, jan./mar. 1996. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368>>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- REGO, A. M. X. Educação: concepções e modalidades. *Scientia Cum Industria*, v. 6, n. 1, p. 38 - 47, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/40119527/EDUCA%C3%87%C3%83O_concep%C3%A7%C3%B5es_e_modalidades>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- SANTANA, J. S. Reflexões sobre a implementação da lei 10. 639/2003: a educação das relações étnico-raciais na área das Ciências Humanas. *Sankofa. Revista da História da África e de estudos da Diáspora Africana*. Ano V, n° IX, 2012, p. 28-41.
- SILVA, E T.O livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. *Em Aberto*, Brasília, ano 16, n° 69, p. 11-15 jan./mar. 1996. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2369/2108>>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- TORREZANI, N. C. *Vontade de Saber Geografia*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2015.
- TORREZANI, N. C. *Vontade de Saber Geografia*. 1.ed. São Paulo: Quinteto, 2018. 256p. Disponível em: <https://issuu.com/editoraftd/docs/vontade-de-saber-geografia-mp-6_divulgacao>. Acesso em: 27 abr. 2023.